

DAVID MOURÃO-FERREIRA  
*DIÁRIOS DE VIAGEM*  
UMA SEMANA EM ROMA

*Sábado, 22 de Agosto de 1981*

NUM AVIÃO DA TAP. A caminho de Roma. Pela 14.<sup>a</sup> ou 15.<sup>a</sup> vez. E, desta feita, absolutamente só – como já me não acontecia desde 1975. Roma continua a ser a única “mulher” que incessantemente me atrai; e a única, até agora, que me faz gastar dinheiro com ela. Reservo-lhe, desta vez, quase tudo quanto ganhei em três recentes programas na RTP e ainda uns marcos que recebi no Brasil em Outubro do ano passado. Só através de Roma compreendo o prazer que têm certos homens (sobretudo da minha idade) em “arruinar-se” por determinada mulher.

ROMA

Instalado no Hotel President (via Filiberto). São 19h. 30 m. Estou na esplanada da Pasticceria Rosati, na Piazza del Popolo. Inútil dizer que vim a pé desde o Hotel até aqui (com uma paragem no Campano da Via Veneto e várias evoluções nas cercanias da Trinità dei Monti, em dannunzina homenagem). A temperatura à volta dos 28°, está agora a tornar-se crepuscularmente agradabilíssima. “Tutti i negozii son chiusi”. Mas comprei num quiosque um volume de Pirandello (*Candelora*, das “Novelle per un Anno”), cujo

primeiro conto, já li. Simplesmente admirável; perfeitamente à altura de “novelle” como *Il Viaggio* ou *Una Giornata* – mas com uma componente de crueldade que a torna particularmente inquietante.

21h. 20m. Acabei agora de jantar na Piazza Navona (Ristorante Panzironi: aqui mesmo, também ao ar livre, o jantar há 5 anos com o Leonardo Mathias, o Manuel Poppe, o J. P.F.; e, há 14, aquele no interior, com a Pilar, quando vimos o Moravia: era de certeza ele...). E acaba de me surgir a “ideia” para um conto (as “ideias” em tal matéria, são sempre o que há de mais pobre; mas vou anotá-la apesar de tudo): o monólogo de um homem, neste mesmo lugar, a confessar à mulher as boas fortunas que com outras mulheres tem tido; o propósito de, através dessa “confissão”, aos olhos dela se valorizar; e a revelação, já no fim, de que o monólogo não passa de monólogo interior: a mulher a quem ele finge “falar”, já efectivamente o abandonou.

### *Domingo, 23 de Agosto*

Tanto andei ontem a pé que me sinto hoje estoiradíssimo e, segundo receio, com bolhas a formarem-se em ambos os pés. Recapitulação do itinerário: Via Emanuele Filiberto – Piazza Vittorio Emanuele II – Via Napoleoni III – Via Mania – Piazza del Cinquecento – Piazza della Repubblica – Largo Santa Susana – Via Bisolati – Via Veneto (com paragem na esplanada do Campano) Piazza Barberini – Via Sistina – Via Gregoriana (descida e subida) – Trinità dei Monti – Viale Gabriele d’Annunzio – Piazza del Popolo (com paragem) – Via di Ripetta – Piazza Borghese – Via della Scroffa – Piazza Navona (com paragem para jantar) – Pantheon – Piazza di Montecitorio – Piazza Colonna – Via del Tritone – novamente Via Veneto – Piazza Barberini. Aqui, junto da nova estação do metropolitano, travado conhecimento com uma simpática e bonita moça brasileira – Isa-

bel Cristina – que fui depois acompanhar perto da Fontana di Trevi (por onde já tinha passado ao vir pela Via del Tritone). E ainda fui então à Piazza di Spagna, em cujas imediações meti conversa com (ou meteu conversa comigo) uma jovem “tedesca”, lindíssima, que ali andava solitariamente “lavorando”. Não cheguei a saber se seria “buona lavoratrice”, mas com o seu aspecto e a tabela que me indicou (50.000 lire e 15.000 “per la stanza, qui vicina”) fizeram-me supor que sim. Também fiquei com a suspeita de que a brasileira (que era funcionária do Banco do Brasil no Rio e, tendo vindo como turista durante quinze dias, já aqui se encontra há dois meses) se esteja igualmente dedicando, embora a um nível mais elevado e mais discreto, a um “lavoro” semelhante. Finda a conversa com a “tedesca” (Elizabete), retornei à Via del Tritone, onde finalmente apanhei um táxi para o Hotel.

5 da tarde. Novamente na Piazza Navona. Desta vez na esplanada da Tre Scalini.

Mau grado os meus propósitos em contrário, Roma obstina-se em esgotar-me, em exaurir-me de prazer. Sensatamente, vim de metropolitano até à Piazza Barberini; mas depois, a pé, subi a Via Veneto, atravessei a Villa Borghese, descí pela Via de S. Sebastianello à Piazza di Spagna, percorri a Via Condotti, o Corso, S. Lorenzo in Lucini até me reencontrar diante do espantoso Palazzo Borghese. De outro palácio próximo escorria música de piano.

O dia está abafadíssimo: dir-se-ia iminente uma trovoadas. E os meus pés encontram-se numa lástima.

Ao fim da tarde completamente exausto, vim ao Hotel: dormi cerca de uma hora e tomei um banho de espuma para retemperar os músculos. Tomei a seguir o “metro” para a Piazza di Spagna e daí fui a pé até ao Pantheon, onde jantei ao ar livre. Entabulada conversa com duas espanholas, sim-

páticas mas pouco mais, e muito “prudes”: Milagros e Nieves, ambas professoras do ensino secundário (Instituto), uma em Logroño, a outra em Saragoza. Começou entretanto a chover; e, debaixo de chuva, levei-as até ao hotel onde estão na Piazza Montecitorio. Já com chuva desabalada, comprei ainda outro volume de Pirandello – *La Giara* – no quiosque junto à Galleria Colonna. Após o que, lá consegui apanhar um táxi e regressar ao Hotel. É quase meia-noite. Estou a ouvir, na rádio, umas interpretações do Andrès Segóvia – e a beber um “whisky”.

### 2ª feira, 24 de Agosto

Faltou ontem apontar o seguinte: antes de ir ao Hotel, ao fim da tarde, deambulei ainda pelo Campo de' Fiori, Piazza Farnese, Piazza Capo di Ferro (onde admirei a magnífica fachada do Palazzo Spada) e, finalmente, pela belíssima Via Giulia, que incrivelmente ainda não conhecia e que para mim ficará sendo, doravante, um dos “trechos selectos” de Roma.

Agora – já passa das 15h – estou a acabar de almoçar na “terrazza” da Trattoria “Angelino a Tor Margana” – “la storica osteria de Goëthe” – em plena Piazza Margana. (Há dois anos o Tomás Andresen, então Embaixador aqui no Quirinal, convidou-nos a jantar nesta trattoria quando eu ia, como SEC, a caminho de Hong- Kong e de Macau).

Adquiridos vários livros na Feltrinelli perto da Piazza della Repubblica: desde um *Carmina Priapea* e as *Rime* de Guido Cavalcanti e *L'Airone* de Giorgio Bassani e *Le Notte Difficili* de Dino Buzzati, passando por uma edição bilingue das *Poésies Libertines* de Théophile Gautier, onde finalmente encontrei aqueles versos sobre “la douce barbe féminine/ que l'Art toujours voulut raser” a que faz alusão em *Il Piacere* de D'Annunzio.

Comprados os livros, um café sob as arcadas da Piazza della Repubblica. Depois pela Via Nazionale e Quattro

Fontane até ao Quirinal. Descida à Via della Pilotta; visita à Piazza del Collegio Romano em homenagem a Larbaud.

18h. 20 no Caffè Greco. O que entretanto calcorreei dificilmente se descreve. Após o almoço, pela Via Armilaria fui de novo à Via Giulia, que inteiramente percorri; em seguida, à beira do Tevere, até defronte do Palazzo di Giustizia (felizmente em obras) e, daí, uma água mineral (“Boario – Fegate Centenario”...) na esplanada dos Tre Scalini, procura de alfarrabistas (quase todos “chiusi”) nas cercanias da Piazza Navona, retorno ao Pantheon (cujo interior visitei), entrada na Chiesa di S. Ignazio (“Ergo vobis Romae Propitius Ero”: cito de cor), ida à Rizzoli da Galleria Colonna e ao Remainder's da Piazza de S. Silvestro. De assinalar apenas a aquisição de um álbum de Boldini.

22h.30m. No Hotel. Jantei – mal – no Otello alla Concordia. Antes disso na Feltrinelli da Via del Babuino, dirigese-me um casal belga, acompanhado de outra senhora, perguntando-me se eu não sou efectivamente ... eu. Trata-se de dois lusófilos de Liège – ele chama-se Robert Massart – e reconheceu-me por fotografias minhas que conhece. Além disso, mostra ter lido grande parte dos meus livros (cita-me inclusivamente o verso do “Retrato de Rapariga” onde se fala de Liège) e acabámos por ir tomar, os quatro, umas bebidas ao Caffè Greco. Ficámos de almoçar amanhã na Trattoria da Tor Margana.

### 3ª feira, 25 de Agosto

Quase meia-noite. No Hotel.

De manhã fui ao Museo di Villa Giulia. O que mais me impressionou (além de, como era de esperar, O Sarcófago degli Sposi e as estátuas da Sala de Veio – a nº 7 – e, entre as quais uma de Apolo) foi afinal a própria “villa”, com alguns aspectos a fazer lembrar o Palazzo del Tè em Man-

tova, mas, evidentemente, com mais amplas proporções. A seguir, deambulação pelo Viale di Valle Giulia, travessia da Villa Borghese e continuação, sempre a pé, até ao Palazzo Doria Pamphili, cuja Galleria depois visitei.

Almoço com Robert Massart, a mulher Janine (que afinal não é mulher dele) e a amiga de ambos, que se chama Elise Capou e a quem chamam “Trésor”... — na Trattoria “Angelino a Tor Margana”. Em seguida, deambulação com eles pela Via della Pilotta até à Fontana di Trevi, onde nos separamos. Subi depois, só, a Via del Tritone e a via Barberini. Aquisição, na Feltrinelli, de uma nova edição da *Terra Vergine* de D’Annunzio (que já tenho numa edição mais antiga), da edição italiana de *Un Amore* de Buzzati (de que só possuo, há muitos anos, a tradução francesa) e do livro mais recente de Eugénio Montale: *Altri Verse*.

Ao fim da tarde, na Piazza della Repubblica, vistos dois filmes (ou antes, partes de) semi-eróticos, semi-pornográficos. Jantar sucinto (uma sanduíche e uma cerveja) sob as arcadas da mesma praça. Passeio a pé pela Via Veneto. Regresso ao Hotel no metropolitano.

#### 4ª feira, 26 de Agosto

Esta tarde, excursão aos Castelli Romani: evoluções pela “strada dei laghi”, paragens em Castel Gandolfo (belíssima vista sobre o lago), Rocca di Papa (o mais impressionante de todo o giro) e Frascati (onde o palácio dos Aldobrandini se ergue com ímpeto e com um porte absolutamente inescutíveis). Em Albano, porém, não parámos; e tive pena: assim foi impossível conhecer melhor a atmosfera descrita pelo D’Annunzio, não só em *Trionfo della Morte*, mas também em algumas cartas a Barbara Leoni.

De manhã, aquisição de alguns livros: um, justamente, do inefável cabotino Gabriele (o 2.º volume da *Prosa di Ricerca*, por causa de *Il Secondo Amante di Lucrezia Buti* que lá vem inserido e que não consigo obter separadamente); o volume

*Per Conoscere Saba* (não que eu precise de o conhecer, mas porque será um meio de mais comodamente o re-frequentar); mais um tomo das “Novelle Per un Anno” di Pirandello, *Scialle Nero*; o romance *Una Signora Così Così* de Enzo Biagi (de quem nada conheço); e o *Corto Viaggio Sentimentale* de Italo Svevo.

São agora nove da noite. Estou na Via Veneto, na “terrazza” do Café de Paris, tomando um Campari – Soda a ver se me surge o apetite (de que tenho andado bastante carecido: só de Roma me alimento) para fazer hoje uma refeição. Mas onde? Onde?

#### 5ª feira, 27 de Agosto

Ontem acabei por jantar (sempre com falta de apetite) naquele restaurante, cujo nome não recordo, situado na parte inferior da Via Veneto. (Boccale)

Hoje – são agora 20h. – estou esperando que me sirvam o jantar no Ristorante Taverna Ulpia, maravilhosamente situado à ilhargia do Foro de Trajano, já pejado a esta hora de gatos e gatinhos e gatarrões, de todas as cores, de todas as raças, de todos os tamanhos. Não chegam a fazer-me saudades do meu gato Cláudio: só tenho pena de que o “meu” gato Cláudio não conheça isto.

A manhã e parte da tarde consagradas a compras: um casaco para a Luisinha, outro para o Didi, um vestidinho para a Inês, e um par de sapatos e um par de botas para mim (ambas as coisas me custaram – registo-o para não me esquecer – a quantia de 42.700 liras, o correspondente, pois, a 2.100\$00, soma com que, em Portugal, não se compraria sequer um dos dois mencionados pares de calçado). Aquisição também de mais livros: dois volumes de uma antologia da poesia italiana do “Novecento” (já tenho os volumes anteriores desde o Duecento); o livro de ensaios *Tra Liberty e Crepuscolarismo* de Edoardo Sanguineti; o 4.º volume da *Historia da Critica Moderna* do René Wellek (os três volumes

anteriores tenho-os em tradução castelhana); uma obra sobre “critica testuale”; e uma edição bilingue das *Römische Elegien* de Goethe, que neste mesmo instante me fazem companhia.

Perto das 6 da tarde fui deixar no Hotel tudo (quase) o que tinha comprado e tomar um novo banho, este de espuma, para suportar com gosto uma nova deambulação a pé. E foi de facto com muito gosto que a realizei: vim pelo Viale Manzoni e pela Via Vaticana, obliquei até à Domus Áurea, circudei o Colosseo, percorri a Via dei Fori Imperiali, entrei no Marmertinum (cuja cripta profundamente me comoveu), subi ao Campidoglio e, pela Piazza Venezia, aqui vim depois desaguar. Acrescente-se que, de manhã, fui a pé desde a Piazza della Repubblica até à Piazza Navona para almoçar, por fim, na Trattoria da Piazza Margana.

Será preciso acrescentar que, de todas as vezes que tenho estado em Roma (14? 15?), esta é, justamente, uma das que me têm sido mais agradáveis? E, também, uma das intimamente mais fecundas. Se alguma vez vier a escrever a narrativa *Vino Rosso* (com a qual não cesso de sonhar), isso dever-se-á, em parte ao “soggiorno” presente. Será aliás indispensável incluir, no *Vino Rosso*, a atmosfera deste restaurante. *Pro memoria*: além dos gatos, os pequenos candelários acesos sobre o longo corrimão de ferro...

#### 6ª feira, 28 de Agosto

São 3 da tarde. Estou numa pizzeria da Via Otaviana, a dois passos de S. Pietro. Acabei de almoçar, mas não comi *pizza*: comi “spaghetti alla carbonara”, fritura di gamberi”, “peperoni”, “mozzarella”... Visitei esta manhã dois lugares que ainda desconhecia: os Mercati Trainei e a Galleria do Palazzo Spada. Tendo vindo a pé desde a Piazza della Repubblica, só parei – sem me sentar nestes dois pontos para depois atingir, ao longo do Tevere, o Estado do Vaticano.

Mas vim almoçar antes da peregrinação a S. Pietro. No caminho, adquirido o *Per Conoscere Pasolini*. E a leitura de alguns dos seus poemas comoveu-me de uma forma que eu estava longe de prever. Creio que acabo de “anexar” ao meu “bosque votivo” mais um grande poeta italiano.

O resto do dia: peregrinação a S. Pietro; andanças entre a Piazza di Spagna, Fontana di Trevi, Via Veneto e Piazza delle Repubblica; mais compras (para a Pilar e para o David); jantar numa pizzeria aqui perto do Hotel; e apontamentos, noutro caderno, para o *Vino Rosso*.

E já parto amanhã. Mas vivi “séculos” nestes oito dias.

#### ALGUMAS IMAGENS DE ITÁLIA EM DAVID MOURÃO-FERREIRA

Viajar é sentir o apetite de muitas existências simultâneas.

DAVID MOURÃO-FERREIRA

DIVERSOS SÃO OS ESTUDOS que, com maior ou menor profundidade analítica, têm referido a importância da Itália na obra de David Mourão-Ferreira. Um dos trabalhos pioneiros ficou a dever-se a Giuseppe Carlo Rossi, intitulado “Roma nella Letteratura Portoghese Contemporanea”<sup>1</sup>, o qual se debruça sobre nomes tão diversos como Ricardo Guimarães, João dos Reis Gomes, Augusto de Castro, António Ferro, Jaime Cortesão, Norberto de Araújo, Ferreira de Castro, Artur Portela, Luiz Forjaz Trigueiros, Urbano Tavares Rodrigues, e David Mourão-Ferreira, colocado por Rossi em último lugar, por se tratar do mais jovem, neste conjunto de onze autores portugueses. O *corpus* davidiano aí analisado cinge-se tão-somente ao então recém-publicado

<sup>1</sup> Estratto da *Studi Romani*, Anno XVII, n.º 1, Gennaio- Marzo 1969, pp.72-82.

volume de crónicas *Discurso Directo*<sup>2</sup> e, neste, apenas à segunda – “Mãe Roma” –, explorando a ideia mais original do texto davidiano e que é, como o título sugere, a assimilação da cidade à imagem materna:

“l’imagine ‘materna’ di Roma, così come ha incoraggiato uomini di tutti i tempi e di tutti i luoghi a venire alla città, ne ha tenuti lontani altri, nel timore di comunque non sentirsi degni di essa (e lo scrittore cita il caso di Jung); e Mourão-Ferreira si abbandona, ma senza ombra di retoricismi o di sentimentalismi, a una sensazione filiale che lo aiuta a vedere, in Roma, la fusione, in un’unità singolare, dei significati e dei simboli di tutti i suoi aspetti al di fuori del tempo e dei corsi della storia, un’unità nella quale entrano come elementi di analoga importanza tanto i protagonisti della vita della città quanto coloro che senz’arrivarci se la sono sentita vicina nello spirito.(...)”<sup>3</sup>

Os dois textos de David Mourão-Ferreira que se apresentam nesta revista fazem parte de uma série de “Diários de Viagem”, tendo sido recolhidos directamente no seu espólio literário<sup>4</sup>. O primeiro<sup>5</sup>, datado de 25 de Abril de 1974, representa a primeira reacção entusiasta do poeta relativamente à Revolução dos Cravos, que acabava de eclodir em Lisboa. O segundo corresponde ao relato de uma semana passada em Roma entre 22 e 29 de Agosto de 1981, numa altura em que recolhia elementos para o projectado romance *Vino Rosso*.

Em 25 de Abril de 1974, David Mourão-Ferreira encontrava-se em Arezzo, como participante do *Convegno Internazionale su Francesco Petrarca*, que naquele dia se iniciava,

<sup>2</sup> *Discurso Directo*, Lisboa, Guimarães Editores, 1969.

<sup>3</sup> Idem, p.81.

<sup>4</sup> Agradeço, como sempre, a Pilar Mourão-Ferreira a autorização que me concede para a publicação destes textos.

<sup>5</sup> Publicado no *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 13 de Junho de 2001 e transcrito supra, pp. 97-100.

comemorando os seiscentos anos da morte do poeta. David recebeu a notícia da revolução pelo telefone, através de um casal amigo residente em Bologna e confirma-a depois com seu Pai, em Lisboa. O facto de a 25 de Abril se comemorar também em Itália o Dia da Libertação afigurou-se-lhe desde logo significativo e contribuiu para a euforia que o tomou, feita de esperança e incerteza. Tal euforia induz um pensamento caracteristicamente davidiano que consiste na atribuição de significado simbólico a circunstâncias que o relacionam com vultos da cultura<sup>6</sup>, no presente caso chamando a atenção para um paralelismo relativamente ao autor do *Canzoniere*:

“Na casa onde nasceu Petrarca. O paralelo impõe-se...: ele estava longe de Roma quando se deu o movimento de Cola de Rienzo. E não foi precipitadamente que o apoiou? De resto ‘come si chiama veramente il Cola di Rienzo di Portogallo?’ ” David não respondeu à sua pergunta sobre o tribuno que haveria de decepcionar Petrarca. Todavia, a história da Revolução dos Cravos encarregou-se de lhe responder e, porventura, com mais de um nome. O título da canção de Petrarca “Italia Mia” ecoa no latim “Italia Mea” que, por sua vez, titula a primeira crónica de um conjunto de nove<sup>7</sup>, escritas em 1968: “Setembro em Itália”<sup>8</sup>.

Os últimos momentos de Petrarca, sentado à mesa de trabalho, porventura através de Bacci Venuti, serviram de inspiração a um desejo de David Mourão-Ferreira, formulado no fragmento CVIII de “Auto-Retrato – Primeiros Traços” –

<sup>6</sup> Veja-se, nomeadamente, a referência à morte de Paul Valéry, que David apresenta, não isento de efabulação, em “Um mestre: Paul Valéry”, in *Discurso Directo*, pp.148-151.

<sup>7</sup> “Italia mea”, “Mãe Roma”, “Fábula napolitana”, “Da Porta Marina ao Monte Solaro”, “Luz e Úmbria”, “Paraíso para ‘Playboys’”, “Em San Marino com Valery Larbaud”, “Trovoada em Ravena, Nevoeiro em Ferrara”, “Capriccio veneziano”.

<sup>8</sup> In *Discurso Directo*, pp. 80-123.

Segunda Parte de *Jogo de Espelhos*: “Gostaria de morrer de repente:/a meio de uma frase que nesse instante/ estivesse a ler; ou a escrever<sup>9</sup>.”

É justamente no programa *Imagens da Poesia Europeia*, transmitido pela RTP com o n.º 57<sup>10</sup>, que David se refere à morte do poeta e com palavras idênticas às que ele empregaria, mais tarde, em *Jogo de Espelhos*: “(...) manifestou o desejo de que a morte o surpreendesse, de repente, enquanto estivesse a ler ou a escrever. E, com efeito, assim aconteceu: na véspera do seu septuagésimo aniversário, uma síncope cardíaca vitimou-o, diante de um manuscrito que estava a consultar”. No referido programa televisivo, a morte de Petrarca é associada ao culto da Liberdade, e, nessa associação, lemos nós a ironia do destino que fez coincidir as comemorações da morte de Petrarca com a recuperação da Liberdade em Portugal. Ouçamos Petrarca, citado por David: “Tive a sorte de gozar da familiaridade de príncipes e da amizade dos nobres, até ao ponto de despertar a inveja de muita gente. No entanto afastei-me de alguns a quem muito queria: era tão enraizado em mim o amor à liberdade que me impeliu a evitar, embora sem violência, os que por pouco que fosse, se mostravam contrários a essa mesma liberdade.” David vê-se ao espelho naquela posição cívica do poeta italiano e a ele recorre agora para caracterizar o que imagina ser a situação política em Lisboa: “Quanto ao que se está a passar em Portugal: será caso para dizer, utilizando um verso de Petrarca, ‘benedetto sia ‘l giorno e ‘l mese e l’anno’? Entretanto – outro verso de Petrarca – a História pode seguramente ir dizendo: ‘Passa la nave mia colma d’oblio’”...

<sup>9</sup> *Jogo de Espelhos*, Lisboa, Editorial Presença, 1993.

<sup>10</sup> Refiro-me ao conjunto de 135 programas transmitidos pela RTP entre Julho de 1969 e Maio de 1974.

Este título foi atribuído ao volume *Imagens da Poesia Europeia* (Lisboa, Realizações Artis, 1972), mas que cobre apenas uma pequena parte daqueles programas, com adaptações.

A cidade atrai-o, como sempre lhe acontece na Itália, mesmo se não encontra companhia feminina (“Oh! Quanto me apetecia encontrar uma aretina complacente!”). Visita a casa de Petrarca, a Basilica di San Francesco, prestando particular atenção aos frescos de Piero della Francesca (*A Lenda de Santa Cruz* – 1462-66) e evoca os que descobriu em viagens anteriores: os Giotto de Pádua, os Simone Martini de Siena, os da capela degli Spagnoli em Florença.

Mas é sempre o autor dos *Triumphs* quem marca o compasso desta viagem. Na Chiesa di Santa Maria della Pieve, que considera uma igreja “fantasmagórica” assiste a um concerto de música da época de Petrarca, bem como de música sobre as poesias de Petrarca. Todavia a visita à cidade ficará inevitavelmente ofuscada pelos acontecimentos políticos de Lisboa, interrogando-se, amiúde, sobre eles e insistindo na sua ligação à biografia do poeta: “Que se passa efectivamente em Portugal? Como é que as coisas se encontram neste momento? Será, terá sido, a queda do regime? Se assim é, se assim for, longe estava eu de prever que a Itália, Arezzo e Petrarca me ficassem tão intimamente ligados a este acontecimento histórico.”

E é como se a história política portuguesa o “perseguisse” positivamente na Itália, já que tinha sido em Roma que tomara conhecimento da queda de Salazar, em Setembro de 1968, o que não deixa de lhe associar alguma desconfiança: “e não posso deixar de pensar, com um pouco de ironia e cada vez maior descrença, nas ‘grandes esperanças’ que daí derivaram.” A nota irónica acabará a salvar a esperança achando-se “condenado, como o Fabrice del Dongo, a passar invariavelmente ao lado de Waterloo...”

O segundo texto afigura-se-me interessante, desde logo porque reforça a imagem caracteristicamente davidiana da feminização do espaço citadino, neste caso, de Roma, óbvio anagrama de “amor”, que assume uma cristalina transparência no romance *Um Amor Feliz*, quando Fernão e Y meto-

nimizam e “futuraizam” a sua relação através do *leitmotiv*: “Roma para sempre”. Em *Jogo de Espelhos*, tal feminização é retomada de forma explícita: “Uma das raras mulheres/ para cujos braços/ ainda corre sem hesitação: a Itália.” (LXXVI) Roma – imagem materna – ecoa como música de fundo na supracitada série “Setembro em Itália”, escrita em 1968, mais precisamente no segundo trecho, intitulado “Mãe Roma”: “Há cidades que nos voltam as costas, sem chegarem sequer a olhar para nós. Há outras que nos sacodem a mão. Cordialmente, num sóbrio *shake-hand* de boas vindas e que depois lá seguem para os seus afazeres, os seus divertimentos, os seus labirintos em que nunca haveremos de penetrar. Há também as que discutem connosco, logo desde o primeiro encontro, mas que por isso mesmo se nos tornam indispensáveis. E as que nos provocam; as que nos irritam; as que se divertem à nossa custa. Há ainda as que sabem de cor os mais secretos dialectos do desejo – para nos deixarem enrodilhados, insatisfeitos e melancólicos, na madrugada de frios arrabaldes. Há todavia, pelo contrário, as que nos vestem de música e de luz; que nos fazem lembrar, a cada passo, as irmãs mais velhas que não tivemos; que nos escutam com atenção – quando ficamos em silêncio – nas esplanadas do crepúsculo. Mas há apenas uma, entre todas, longe ou perto que maternalmente nos estende os braços<sup>11</sup>.”

O texto de 1981 continua, por assim dizer, aquela imagem feminina, mas altera-lhe o tom final, erotizando-o e retirando-lhe agora a imagem maternal que, em 1968, lhe conferira: “A caminho de Roma. Pela 14.<sup>a</sup> ou 15.<sup>a</sup> vez. E, desta feita, absolutamente só – como já me não acontecia desde 1975. Roma continua a ser a única ‘mulher’ que incessantemente me atrai; e a única, até agora, que me faz gastar dinheiro com ela. Reservo-lhe, desta vez, quase tudo quanto ganhei em três recentes programas na RTP e ainda uns mar-

cos que recebi no Brasil em Outubro do ano passado. Só através de Roma compreendo o prazer que têm certos homens (sobretudo da minha idade) em ‘arruinar-se’ por determinada mulher.”

O texto de 1981 explora ainda o “quadrilátero íntimo” de Roma, que David elegera desde a primeira visita, em 1965, e da qual nos fala na quarta viagem, precisamente a que refere no seguinte trecho de *Discurso Directo*: “Foi bastante curta, com efeito, essa minha primeira permanência em Roma: somente uma escala no itinerário a caminho da Grécia. Em todo o caso, logo na noite da chegada, miraculosamente se me tornou familiar aquele quadrilátero – um trapézio! – cujos vértices se encontram na Piazza del Popolo, na Piazza Venezia, na Stazione di Termini e na Porta Pin-ciana. É aliás um quadrilátero que ainda hoje constitui, na intimidade crescente que Roma me vem consentindo, o que há para mim de mais íntimo em Roma. E o certo é que a Itália, no que tem de alma visível e de carne secreta, me ficou por essa vez circunscrita a esse espaço, praticamente suspensa desse trapézio. Tudo o mais na altura foi apenas paisagem<sup>12</sup>.”

Em 1981 ainda não perdeu o encantamento por aqueles lugares a que se mantém em boa parte fiel: “Tanto andei ontem a pé que me sinto hoje estoiraadíssimo e, segundo receio, com bolhas a formarem-se e ambos os pés. Recapitulação do itinerário: Via Emanuele Filiberto – Piazza Vittorio Emanuele II – Via Napoleoni III – Via Mania – Piazza del Cinquecento – Piazza della Repubblica – Largo Santa Susana – Via Bisolati – Via Veneto (com paragem na esplanada do Campano) Piazza Barberini – Via Sistina – Via Gregoriana (descida e subida) – Trinità dei Monti – Viale Gabriele d’Annunzio – Piazza del Popolo (com paragem) – Via di Ripetta – Piazza Borghese – Via della Scroffa – Piazza Na-

<sup>11</sup> In *Discurso Directo*, p. 84.

<sup>12</sup> Idem, p. 85.

vona (com paragem para jantar) – Pantheon – Piazza di Montecitorio – Piazza Colonna – Via del Tritone – novamente Via Veneto – Piazza Barberini.”

David faz uma descoberta assinalável nesta viagem de 1981 e ele mesmo a estranha, tratando-se da sua décima quarta ou décima quinta viagem a Roma. Refiro-me, naturalmente, à Via Giulia: “Faltou ontem apontar o seguinte: antes de ir ao Hotel, ao fim da tarde, deambulei ainda pelo Campo de’ Fiori, Piazza Farnese, Piazza Capo di Ferro (onde admirei a magnífica fachada do Pallazzo Spada) e, finalmente, pela belíssima Via Giulia, que incrivelmente ainda não conhecia e que para mim ficará sendo, doravante, um dos ‘trechos selectos’ de Roma.” Na realidade, esta Via Giulia viria a inspirar-lhe algumas páginas de *Um Amor Feliz*, e ficaria ligada à irrequieta brasileira Xô, que o narrador deseja, em vão, varrer da memória: “Roma? Sim, claro que sim, pensava eu. Mesmo apesar de certos brados de indignação, no mais puro linguajar carioca, que ainda hoje devem atroar a superfície de uns tantos muros da Via Giulia; mesmo a despeito de certo momento que foi tão difícil de passar junto a uma fonte da Piazza Navona... Ah, só alguém com esses olhos mais que verdes, mais que azuis, conseguiria definitivamente varrer, de tais lugares e da minha memória, a acusadora imagem de outros olhos também claros mas de nenhuma tranquilidade. ‘Principalmente em Roma...’, acrescentou a Y. ‘Roma, então... para sempre.’ Mas eu senti que seria ridículo dizer o mesmo, já que o meu ‘sempre’ teria decerto um horizonte mais limitado.” (p. 26)

A Via Giulia constitui-se como referente poético em “Rua de Roma”<sup>13</sup>, sendo o espaço físico da cidade sinónimo de mítica beleza, que se avalia em termos de *troca* pelo exótico e pelo longínquo: Moscovo, Oslo, Tóquio, Banguecoque,

para se concluir pela mais-valia da simplicidade: “opulenta de tão pobre”. O sujeito dará ainda por ela as riquezas que não tem: “Em troca darei Lisboa Rio Nova Iorque/ toda a prata todo o ouro/ que não tenho em nenhum cofre/ só no cotão do meu bolso/ e no que a pátria me explora”. À Rua é atribuída uma função salvífica, por ser o Lugar-Outro que atenuará a rotina do quotidiano como prisão de continuidade: “Quero essa rua de Roma/Aqui onde estou sufoco/Aqui as manhãs irrompem de noites que nunca morrem”. Rua, condição de unidade do sujeito. Rua, solução contra a dissociação, contra o fragmentário: “Onde quer que o sexo a sonhe/e o coração a coloque/ é lá que todo sou todo/Aqui não Aqui não posso”

Lisboa, assim trocada por Roma, será todavia recuperada no vigésimo poema do álbum *Lisboa Luzes e Sombras*: “Ruas como esta só em Roma/ ou em Lisboa ainda existem/ que de mistério se povoam/ com a presença de um ciclista// E as suas portas chapeadas/ suas janelas seus postigos/ guardam ainda todo o rasto/ de alguns mestres muito antigos<sup>14</sup>.”

Todavia, como o sujeito não possui o dom da ubiquidade, inventa espaços compósitos como forma evitante da opção do que no plano dos afectos é visto e desejado como acumulável: “Gostaria de viver no último andar/ de um palácio de Roma/ que tivesse vista sobre o Atlântico; ou num “monte” alentejano/ a dois passos do lago de Garda.” (LXXIX)

Se nos lembrarmos de que uma certa tradição situava no lago de Garda a casa de Catulo, esta referência geográfica adquire um valor acrescentado de memória literária, que David não deixa de referir em *Imagens da Poesia Europeia*, associando-a a diversos *lugares-reliquia* da Itália, como Pom-

<sup>13</sup> “Os Ramos Os Remos”, in *Obra Poética 1948-1988*, Lisboa, Editorial Presença, 1988, p. 348.

<sup>14</sup> *Lisboa Luzes e Sombras*, Lisboa, Edições do Metropolitano de Lisboa, 1992, p. 90.

peia, Roma, mas também a poesia latina. Compete ao leitor cruzar estes elementos para melhor se entender o conjunto e também porque estas referências se situam num plano que, à primeira vista, parece desvalorizar a ritualização da viagem no espaço físico e social para, sem negar a sua importância, privilegiar a viagem no espaço da memória cultural, que justificará o *milagre de Roma*, cotejando-o com a influência recebida da Grécia:

“Não é estritamente necessário – para se compreender o papel de Roma no mundo antigo e a própria significação da poesia latina – contemplar o que resta do Forum, deambular pela carcaça esventrada do Coliseu, percorrer as ruínas de Pompeia, ou saudar com olhar cúmplice, nas margens do lago de Garda, em Sirmione, o vestígio dos muros em que uma certa tradição (contestada) teima em localizar a casa de Catulo... Mas a verdade é que cumprir todos estes ritos, *in locis*, sempre auxilia um pouco. Seja como for não vem a ser menos importante, numa tal ordem de ideias, abancar hoje em dia a uma taverna do Trastevere, tomar um banho no Tirreno ou no Adriático, apreciar o alinhamento das vinhas nas colinas toscanas, respirar o ar fresco que vem dos Apeninos, verificar com assombro – para além da anarquia que reina em muitos sectores públicos – a meticulosa organização de qualquer pequeno villaggio... E não é tão pouco preciso deslocarmo-nos a Itália, para reconhecer a permanência do espírito romano, na complexa mistura, que sempre o caracterizou, de gosto de viver e de senso prático, de abandono ao *far niente* e de eficácia administrativa, de constante disponibilidade e de rigor na acção (...) É que o milagre de Roma muito mais do que o da Grécia, foi o de ter sabido configurar, por muitíssimos séculos o *modus vivendi* das populações que dominou e das regiões a que se estendeu. Continuamos a ser gregos em alguma coisa do que sentimos e sobretudo no modo como pensamos; mas romanos permanecemos, para aquém e para além de tudo isso,

em muito daquilo que somos – numa tal ou qual maneira de ser, longinquamente adquirida, de que nem mesmo já tomamos consciência<sup>15</sup>.”

E, justamente porque se sente entranhadamente romano, não hesita em reconhecer em *Jogo de Espelhos* que “Nada o exalta mais do que tornar-se,/ de vez em quando, paroquiano/ de Santa Maria Maggiore/ ou de Sant’Andrea della Valle.” (XCVII) Um paroquiano que vai comprar o alimento do espírito à Feltrinelli e, por isso, o segundo texto vai mostrar-nos um David incansável viajero através das livrarias romanas. Espreitemos as suas principais compras, pela ordem em que foram feitas: Pirandello (*Candelora*, *La Giara*, *Scialle Nero*); *Carmina Priapea*; *Rime* de Guido Cavalcanti; *L’Airone* de Giorgio Bassani; *Le Notte Difficili* de Dino Buzzati; uma edição bilingue das *Poésies Libertines* de Théophile Gautier; nova edição da *Terra Vergine* de D’Annunzio; a edição italiana de *Un Amore* de Buzzati; *Altri Verse* de Eugénio Montale; o 2.º volume da *Prosa di Ricerca*, “do inefável cabotino Gabriele” por causa de *Il Secondo Amante di Lucrezia Buti*; o volume *Per Conoscere Saba*; o romance *Una Signora Così Così* de Enzo Biagi; *Corto Viaggio Sentimentale* de Italo Svevo; dois volumes de uma antologia da poesia italiana do “Novecento”; o livro de ensaios *Tra Liberty e Crepuscolarismo* de Edoardo Sanguineti; o 4.º volume da *Historia da Critica Moderna* do René Wellek; uma edição bilingue das *Römische Elegien* de Goethe. Por último, adquire *Per Conoscere Pasolini* cuja leitura de alguns dos seus poemas o comove de uma forma que estava longe de prever: “Creio que acabo de “anexar” ao meu “bosque votivo” mais um grande poeta italiano.”

No decurso das dezenas de entrevistas que David Mourão-Ferreira concedeu ao longo da vida, perante a pergunta algo repetitiva sobre o que mais apreciava, a resposta incluía

<sup>15</sup> *Imagens da Poesia Europeia*, Lisboa, Realizações Artis, 1972, pp.157.158.

sempre os seguintes verbos: “Amar. Viajar. Escrever.” Estes três verbos poderão ser consubstanciados num único – “Escrever”<sup>16</sup> –, neologismo que criou, referindo-se a Virginia Woolf, em *Discurso Directo*. Viver, amar e escrever as paisagens físicas e humanas. Viajar no tempo, no espaço e reconstruir essas viagens através das palavras, construir ou reconstituir o “recueil de sensations”<sup>17</sup>, de que fala Pierre Brunel, a propósito das viagens em Stendhal e, particularmente, em *Rome, Naples et Florence*. Brunel associa, justamente, aqueles três verbos, na realidade, indissociáveis do perfil do escritor: “L’art de voyager, l’art d’aimer appellent l’art d’écrire, qui remplit les moments de creux dans l’existence de Stendhal et lui permet d’accéder à une forme de plaisir”<sup>18</sup>.” Como observa Brunel, “égotisme” surge pela primeira vez em *Rome Naples et Florence* fechando uma passagem onde Stendhal, após ter visitado o Duomo de Florença, nota que a sensação pode associar-se à reminiscência literária: “Cette architecture du Moyen Âge s’est emparée de tout mon âme; je croyais vivre avec le Dante. Il ne m’est peut-être pas venu dix pensées aujourd’hui, que je n’eusse pu traduire par un vers de ce grand homme. J’ai honte de mon récit, qui me fera passer pour égotiste”<sup>19</sup>.

Lendo, sobretudo, o primeiro dos textos que nesta revista se publicam, damo-nos conta de que os versos de Petrarca desempenham, em David, a função supletiva dos de Dante, em Stendhal, como forma de *escrever* a sensação de fusão da memória das cidades numa única memória que engloba e simultaneamente transcende o sujeito, que nos diz em *Jogo de Espelhos*: “Há cidades, como Paris,/ onde sente a

nostalgia/ de existências que poderiam ter sido suas./ Noutras, como Roma,/ a exaltação de vidas/ que remotamente viveu.” (LXXVII) Roma, para David Mourão-Ferreira, será, em síntese, uma cidade palimpsesto. Referente real e imaginário, passado e presente sobreponíveis, memória feita de imaginação.

TERESA MARTINS MARQUES

<sup>16</sup> Cf. “De quem tem medo Virginia Woolf? Ou o ofício de escrever”, in *Discurso Directo*, Lisboa, Guimarães Editores, 1969.

<sup>17</sup> Pierre Brunel, Préface a Stendhal - *Rome, Naples et Florence*, Paris, Éditions Gallimard, 1987, p. 15

<sup>18</sup> Idem, p. 17.

<sup>19</sup> Idem, p. 19.